

A INFLUÊNCIA DA PSICANÁLISE NA REALIDADE DA ESCOLA PÚBLICA EM UM ESTUDO DE CASO: AS ANGÚSTIAS EXISTENCIAIS DE ESTUDANTES NA FAIXA ETÁRIA DE 10 -14 ANOS

Rita de Cássia Cláudio Rodrigues¹

RESUMO: O presente artigo tem o propósito de fomentar reflexões sobre o “eu” em meio à contundentes problemas sociais contemporâneos que vêm afetando de forma danosa o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O material investigativo utilizado na presente pesquisa teve o objetivo de comunicar algumas percepções nesse sentido, obtidas de entrevistas com pais e atores da educação que trabalham em escola(s) pública(s) municipal da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil. A presente pesquisa foi realizada em uma comunidade escolar composta por profissionais educadores e famílias de alunos(as) regularmente matriculados. Para que esse trabalho fosse desenvolvido foi delimitado como escopo da pesquisa uma amostra de crianças de 10 a 14 anos com as mais diversas características como: ausência de interesse da sua vida e do seu futuro; relatos de suicídio; mutilações corporais e deteriorações do pensamento saudável no sentido de resistir a mitigar insucessos em suas vidas. As referidas situações foram constatadas a partir do engajamento da autora no “Projeto de Atendimento Educacional Especializado, um serviço da Educação Especial: A Escola Aprendendo com as Diferenças”. O citado serviço é garantido por Leis da Constituição Federal de 1988 do Brasil. O presente estudo foi embasado em Sigmund Freud, Lacan, Nietzsche, dentre outros ícones que contribuíram para as bases da Psicanálise. As ações psicanalíticas realizadas e comunicadas nesse sítio tiveram apoio da Gestão da escola objeto desse estudo, profissionais da educação e familiares/cuidadores. O *modus operandi* ocorreu por meio de rodas de conversas, reflexões coletivas e individuais, realizado em um ambiente de sala fechada aonde foram expostos diversos vídeos com relatos de experiências de pessoas com deficiências ou incapacidades físicas ou psíquica, mas, que desenvolveram suas vidas com autonomia e independência, sendo capazes de se desafiar e viver plenamente em seu ambiente social. No transcorrer dessas ações observou-se que as vivências com as rodas de conversas, reflexões individuais e a escuta a todos nos grupos foi meio de subsidio de mudanças significativas nos comportamentos de alguns participantes. As crianças e os adolescentes partícipes dessa experiência apresentaram melhoria em suas aprendizagens, revelando maior interesse em participar das atividades escolares propostas por seus mediadores, reagindo com comportamentos desejáveis e vinculados à sua idade e série escolar. Foi também observado indícios de melhoria na saúde mental, maior tolerância e melhoria nas capacidades de entender a si mesmo e acolher o outro com as suas dificuldades. Percebeu-se ainda, que o trabalho realizado na escola objeto desse estudo auxiliou o participante a ter uma maior compreensão sobre si mesmo diante de suas capacidades, habilidades e/ou limitações. Finalmente, concluiu-se que, promover maiores reflexões e pensares sobre possíveis mudanças a partir dos estudos realizados no Curso de Formação em Psicanálise Clínica, considerando o relevante referencial teórico em Sigmund Freud e pós-freudianos são ações que auxiliam a prevenir danos em crianças e adolescentes, de ordem comunicativa ou ainda tentativas de retirada de suas próprias vidas de acordo com as angústias relatadas por cada um, neste intervalo de idade ou fase.

2758

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Criança. Adolescência. Angústia.

¹Professora da rede de escola pública Municipal de Fortaleza, Ceará, Brasil. Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Del Sol, Paraguay. Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidad Del Sol, Paraguay.

ABSTRACT: The purpose of this article is to encourage reflections on the “I” in the midst of striking contemporary social problems that have been harmfully affecting the development of children and adolescents. The investigative material used in the present research had the objective of communicating some perceptions in this sense, obtained from interviews with parents and education actors who work in municipal public school(s) in the city of Fortaleza, Ceará, Brazil. This research was carried out in a school community composed of professional educators and families of regularly enrolled students. For this work to be developed, a sample of children between 10 and 14 years of age with the most diverse characteristics was delimited as the scope of the research, such as: lack of interest in their life and their future; reports of suicide; bodily mutilations and deterioration of healthy thinking in the sense of resisting and mitigating failures in their lives. These situations were verified based on the author's engagement in the “Specialized Educational Service Project, a Special Education service: The School Learning with Differences”. The aforementioned service is guaranteed by Laws of the 1988 Federal Constitution of Brazil. The present study was based on Sigmund Freud, Lacan, Nietzsche, among other icons that contributed to the foundations of Psychoanalysis. The psychoanalytical actions carried out and communicated on this site were supported by the management of the school that was the object of this study, education professionals and family members/caregivers. The modus operandi took place through conversation circles, collective and individual reflections, carried out in a closed room environment where several videos were exposed with reports of experiences of people with disabilities or physical or psychological disabilities, but who developed their lives with autonomy and independence, being able to challenge themselves and live fully in their social environment. In the course of these actions, it was observed that the experiences with the conversation circles, individual reflections and listening to everyone in the groups was a means of subsidizing significant changes in the behavior of some participants. The children and adolescents who participated in this experience showed improvement in their learning, revealing greater interest in participating in school activities proposed by their mediators, reacting with desirable behaviors linked to their age and school grade. There were also signs of improvement in mental health, greater tolerance and improvement in the ability to understand oneself and accept others with their difficulties. It was also noticed that the work carried out at the school object of this study helped the participant to have a greater understanding of himself in view of his abilities, skills and/or limitations. Finally, it is concluded that promoting greater reflections and thoughts about possible changes based on the studies carried out in the Training Course in Clinical Psychoanalysis, considering the relevant theoretical framework in Sigmund Freud and post-Freudians, are actions that help to prevent damage to children and adolescents, communicative or even attempts to withdraw from their own lives according to the anguish reported by each one, in this age range or phase.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Child. Adolescence. Anguish.

1 INTRODUÇÃO

Em Fonseca (2010) há o conceito de que ao longo dos estudos sobre a temática da angústia existencial, considerando o parecer psicanalítico e a conceituação de Freud e seus seguidores nesta área da Psicanálise, tem havido um crescente atendimento de crianças e adolescentes com relatos desmotivadores como: falta de vontade de existir, tentativas de suicídio, atitudes de violência e agressividades entre outros. Tal fato tem chamado a atenção de pais e educadores de modo que estes assaram a buscar respostas que possam amparar o referido público em tal circunstância sociológica que revela

desequilíbrios afetivos de suas vidas psíquicas. Contudo, além do citado setting analítico, por meio do trabalho com as crianças na escola (já que é a escola o seu ambiente em maior permanência, além dos seus lares) tem sido constatado quebras em seus comportamentos em grupos, com tendências negativas para além de transtornos ou deficiências, como é o caso da falta de envolvimento em contextos vinculados à realidade, ao deixarem impressões de negação à vida real, corroborando com a hipótese do interesse em deletar a realidade atual e criar um novo mundo composto por recortes nos quais elas (crianças e adolescentes) possam se identificar.

Destarte, essas manifestações ocorridas em jovens e crianças na idade de 10 a 14 anos são apresentadas em seus próprios relatos, em atendimentos encaminhados por seus professores. No estudo aqui apresentado, essas manifestações são trabalhadas na sala de Educação Especial com o serviço de Atendimento Educacional Especializado - AEE na Escola Municipal Francisco Silva Cavalcante (objeto do presente estudo) com o Ensino Fundamental II atualmente contabilizando 459 alunos matriculados nos turnos da manhã e da tarde.

As famílias dos referidos(as) alunos(as) têm buscado na escola, meios que possam auxiliar a reverter situações inexplicáveis para a comunidade de pais, professores e gestão escolar. O observado, porém, é que pode haver um prosseguimento dessas questões em cada um dos seguimentos citados, pois, até os adultos envolvidos no ambiente dessas crianças encontram-se em desequilíbrio entre o seu eu e o seu objeto ou quanto ao princípio do prazer. Em Freud há o conceito de finalidade da vida com um bom “desempenho do aparelho psíquico”, no qual a ausência de equilíbrio afetivo pode produzir o “desacordo com o mundo” em maior ou menor escala no arranjo de “eu”, como parte intrínseca da sociedade à qual pertence e ao universo no intuito de encontrar a sua satisfação, o seu desejo ou a sua “felicidade” (FREUD, 1980).

Analisando o contexto, percebeu-se a partir do atendimento a esses alunos, um óbvio sofrimento, o qual os próprios não sabem expressá-los. Tal fato indica são muitos os desafios a serem enfrentados na família e na escola todos os dias com as crianças nessa faixa etária e ainda, que esses desafios podem estar vinculados aos mais diversos sentimentos provenientes de todos os avassaladores avanços contemporâneos, mediante cobranças sobre o belo e a perfeição; modelos e padrões e os desequilíbrios das desigualdades sociais entre outros que, em comum, podem ser o

corpo amplo e a força motriz das sensações de inexistência desses adolescentes e crianças da atualidade.

Ao se fazer uma reflexão sobre a história da humanidade em sua primitiva origem, entende-se que não havia nenhum sonho em relação às inovações e novidades e que, por sua vez, traz os espantos da impotência das habilidades para o enfrentamento de novas mudanças incontrolláveis a cada pessoa. As indicações tecnológicas podem trazer as mais espantosas facilidades e conforto (até imaginamos serem estas atuais as maiores descobertas do homem), maior benefício à humanidade que se mune das mais ativas tecnologias no contexto contemporâneo. De imediato pode até causar prazer acessível em tempo recorde, podendo causar confusão. Citando Freud: “vida em vigília e vida onírica” (FREUD, 2010).

As novas tecnologias têm os seus benefícios, mas, podem ocasionar pesadelos pelos sentimentos de incapacidades por suas rápidas transformações e substituições, para a maioria das pessoas e principalmente aos jovens que ainda não têm por certo o desejo real e imaginário em seu processo de desenvolvimento cognitivo frente ao universo de sua vida, com foco no futuro e em suas possibilidades.

Na clínica psicanalítica e na escola, as crianças e os adolescentes, na faixa etária entre 10 a 14 anos imersos em um grande conflito em definir a vida real (como se o seu único desejo fosse criar o seu recurso como defesa a um modo on-line e outro off-line) envoltos em um manto confuso de sua relação em cisão ao mundo real e imaginário. O mundo do desejo destas crianças se liquidifica nas dúvidas do ter ou não ter, vencer ou perder, viver ou morrer. Talvez tenham dúvidas quanto a tudo isso e desacreditem assim de todos os sentimentos, deixando prevalecer apenas o de morrer (Tânatos) deletando o prazer de viver (Eros) (FREUD, 1980).

As observações realizadas como adolescentes e crianças no contexto da escola, deram-se tanto em suas participações ou na falta delas, já que quando a criança se demonstra apática às suas ações, pode haver o grande sofrimento ou dor psíquica. No trabalho de pesquisa desenvolvido pela autora do presente artigo, delineou-se a participação dos envolvidos na pesquisa que foi efetivada na forma de grupos e individualmente. Procurou-se ter uma percepção das emoções, sentimentos e necessidades desse público e, diante das conversas e da escuta analítica, observou-se suas posturas corporais e procurou-se identificar a(s) causa(s) de suas dores psíquicas, com uso de argumentações e indagações lógicas e com o intuito de agregar reflexões

sobre a realidade na qual cada um dos participantes se encontrava inserida. Nessa etapa do trabalho já se observou uma “luz” relativa ao encontro do estudante consigo mesmo diante de seus pares e ambiente escolar, quando houve maior satisfação de cada um e equilíbrio psíquico na equalização desses jovens.

A partir da pesquisa realizada, observamos que boa parte dos adolescentes se apresentam apático, como se em esconderijos, na sensação de fuga ao ambiente de sala de aulas se dispersavam-se a outros ambientes, na escola, que não à sala de aula, como se o seu desejo se concluísse pela fuga de si mesmo na tentativa de encontrar refúgio na dor da mutilação em seu “mundo próprio” (Freud, 2010, p. 33). Quando acredita que o mundo ao qual pertence o abandonou, sente-se no vácuo de afetos e sentidos que não foram possíveis de segurá-los ou equilibrá-los, quando o que predomina é a dor, a ausência, o vazio da “fonte do sofrer”.

2 Referencial Teórico

A obra de Nietzsche “Hoje” em Viviane Mosé (2018) relata que o homem vive em busca de um poder. Assim dizia Freud em “O Mal-Estar na Civilização”: para onde caminha a humanidade? Que tipo de monstro é alimentado no inconsciente? Como cuidar de algo que está escondido em nós? Como dominar o monstro que nos domina - o inconsciente? Como aprender a descortinar os olhos para enxergar o que cada um de nós trás na vida em vigília?”

Os traumas, neuroses ou as patologias que os humanos carregam na certeza da “sanidade real” das relações equilibradas aos desejos ou “objeto de desejo” podem colocar os indivíduos diante das diversas reações, na ativação das conquistas ou na passividade e vazio da existência humana (FREUD,1980).

Em análises aos acontecimentos no mundo contemporâneo, percebe-se que o homem hoje passa por transformações jamais assistidas e vistas na história da humanidade e, neste contexto, apresentam-se em meio a tantos desafios as crianças e os adolescentes que futuramente chegarão à vida adulta (se chegarem) com muitos desequilíbrios, afastamento da luta e desvalorização da vida, pela dor psíquica, talvez registrada em seu inconsciente (FREUD, 2010).

Dentre as fontes de sofrimento que ameaçam o ser humano, Freud (2010) destaca três: o poder devastador e implacável das forças da natureza; a ameaça de

deterioração e decadência que vem de nosso próprio corpo e o sofrimento advindo das relações entre os humanos.

Contudo, busca-se mostrar que a Psicanálise pode ser o elo a “romper todos os laços” e trazer sentido para que adolescentes possam “encontrar saídas de seus próprios labirintos” no caminho de suas satisfações, sonhos e “felicidades”. As pessoas, desde sua infância, sofrem com o “desequilíbrio de suas relações e realizam ações impensadas” (FREUD, 1980).

Sabe-se que os seres humanos ao longo da linha do tempo carregam as suas insatisfações entrelaçadas aos desequilíbrios das suas incertezas. Depois de muitas conquistas, o homem vence o pico mais alto de sua história e, como se não quisesse retornar à base, ou seja, ao início de sua caminhada, frente a tudo, deprime-se, angustia-se, imerso em uma espiral sem perspectivas, buscando encontrar a si mesmo, buscando o sentir, o afeto, o amor genuíno, buscando até mesmo a dor (mutilação), mas querendo encontrar o que não foi proporcionado no “equilíbrio da relação com o outro” (FREUD, 1980).

Finalmente, ao observar os seres humanos de uma forma mais geral, é visível que se vive neste novo mundo abstrato pelas faltas de concretude aos sentimentos e incertezas. Uma constante corrida da busca pelo novo em tudo que se faz e o que se passou perde a chance de ser novo e parece que o que realmente queremos não é o “eu”, mas o outro e nos espelhamos em alguém que não a nós mesmos e buscamos o ideal de “felicidade” que descobrimos ser inalcançável e percebemos que a satisfação é invisível, abstrata e não nos contempla plenamente (SILVIA, 2015).

2.1 Recortes de mudanças na história da humanidade

Ao longo da história das civilizações sempre houve drásticas mudanças, parte delas originaram novos seres, novas formas de vida, isto é, grandes retrocessos com reflexos positivos concernentes ao bem-estar e conforto ou ao extermínio da vida proporcionados pela tecnologia e avanços industriais, no entanto, as mudanças são grandes sinais de recomeço em todas as áreas e recomeçar configura desenvolver uma nova perspectiva de abandono do velho e avançar na aventura das sabidas incertezas desconhecidas, na certeza de errar, cair, levantar, mas com um único objetivo: não desistir, pois lutar é inerente à vida e a luta por ela só cessa com a morte. Para tanto, as mudanças são necessárias, visto que não existe “vida linear” (FREUD, 2010).

No contexto da história da Psicanálise, até Freud passou por vários recomeços, quando “perdeu forças diante das tensões” de sua época como a Guerra e a descoberta de um câncer mandibular o afastou da Psicanálise e nesse período vivenciou os primeiros problemas com a divisão de gerações psicanalíticas (FREUD, 1980).

De acordo com Boff (2014), talvez o homem esteja vivendo a hora do retorno, ou seja, as bases onde há o afeto, o cuidado com o outro e consigo mesmo, assim como ocorre ao meio-ambiente, com o universo, o cosmo, a Terra como parte de cada um dos seres humanos, do contrário seremos destruídos todos juntos e, ao mesmo tempo seguindo um caminho sem volta.

Os seres humanos adultos, não somente na fase da infância, encontram-se em condições de muitos temores, grandes medos o suficiente para alimentar a renúncia da vida, do outro e no desencontro em si mesmo no enfrentamento à realidade imperfeita voltam-se ao senso primitivo deixando-se expostos à força de seu “monstro”, o inconsciente transparece (FREUD, 1980).

Para que os seres humanos dominem suas ações na vida em vigília como se psicótico fosse, que na realidade representa seus sentimentos reprimidos na desdenha de uma vida onírica (SILVIA, 2015).

Em nossa sociedade, é comum perceber que as pessoas e, principalmente, as crianças vivem um sonho de fantasias que não são as suas, mas impostos por outros compostos por uma vida de ilusões, criações fantasiosas, nas quais o feio não tem lugar e muito menos aqueles “fora” dos padrões traçados pela grande maioria. Estas criações, geralmente através das redes sociais, podem não estar relacionadas ao interesse íntimo de cada pessoa, criança ou adolescente e trazer o desinteresse e a ausência de significados para contemplar a si e conseguir ver-se dentro de algo que, muitas vezes não seria o seu desejo, mas sim, o de outros (BONETI; PAULIN, 2010).

Em Boneti e Paulin (2010) há o conceito de que as crianças, desde tenra infância, imitam adultos e no caminhar lado a lado desenvolvem interesses e aprendem por imitação, a partir das experiências vivenciadas. Contudo “opostos no afeto” (Freud, 2010), quando na mesma sala ou sentados à mesma mesa com sua “família” tornam-se distantes umas das outras por falta de comunicação, cada qual imersa em um mundo virtual que geralmente não é semelhante ao seu, com possibilidades, muitas vezes, apenas dentro do imaginário e nessas perspectivas vivem em um mundo à parte, em busca do inexistente.

De acordo com Nietzsche, “a sociedade com sua agressividade parece manifestar um tipo de grito contra o processo civilizatório como atenção ao suicídio de crianças e jovens” e até de adultos. As chacinas, nas escolas, seguidas de suicídios, como se fossem um desejo de destruir o que não quer pertencer à cultura, à sociedade, da qual julga não fazer parte, então se autodestrói, além de destruir o outro como parte desse contexto. Ainda segundo o referido autor, as pessoas que cometem suicídio, buscam uma nova vida, cansaram-se ou não acreditam nas verdades que tentaram fixar em razão da afirmação da vida (MOSÉ, 2018).

Para mitigar a dor, a falta, os traumas que um indivíduo traz e assim, “domar” o inconsciente, faz-se necessária a consciência sobre algo que ele próprio traz a partir das ações da Psicanálise que é capaz de atuar junto ao paciente e juntos “encontrarem o caminho, a saída de seu próprio labirinto” Desse modo, crianças e jovens serão capazes de descobrir que trazem dentro de si a saída e serão então, capazes de dialogar com os seus “eus”, componentes de suas psiques, a fim de ser tornarem adultos melhores a ponto de discernirem seus desafios. Segundo Freud, se não se pode conduzir a vida, pelo menos tire a vida para dançar. Dessa forma, mitigue o peso dos insucessos que a vida apresenta (FREUD, 2010).

2.2 Princípio da Realidade, Autoerotismo e Relações Objetais em Freud, Piaget e Winnicott

O princípio da realidade é um dos conceitos de Sigmund Freud e, segundo seus fundamentos, retrata o reagir do funcionamento mental. Busca realizar-se frente às condições impostas pelo mundo externo, dentro de um aparato de um regulador psíquico para o controle do prazer. O indivíduo busca o prazer e evita a dor sem comedimento (SILVIA, 2015).

No início do processo de maturação da criança, existem aspectos que podem intervir em seus sentimentos: a hereditariedade do outro e o ambiente, nos quais estão incluídos os cuidados da mãe, na possibilidade de cuidar dela ou traumatizá-la em meio às vastas experiências nas quais o infante está inserido. Com o amadurecimento do ser humano, surge o aprendizado inerente ao “prazer e ao desprazer”, a tolerância à dor e a postergação da satisfação como processo mais voltado à realidade do que o prazer como elo consciente que se refere a um mundo real e capaz de perceber os seus próprios atos (CÂNDIDO, 2019).

O pesquisador Winnicott (1983) define-os como “processos de maturação”, ou seja, o impulso biológico para fins de formação do corpo, tanto físico como afetivo. Nesse viés de pensamentos, o referido autor abre reflexões sobre a criança que necessita de um ambiente facilitado propício à plena adaptação e sucesso de suas capacidades que possibilitem a devida maturação para a resolução de seus próprios conflitos entre “prazer/desprazer”, com maior independência e autonomia na perspectiva de tornar-se capaz de dissociar o mundo real do imaginário (imagem do outro). Tais experiências são vivenciadas, ou impostas pelo ambiente do núcleo familiar, ou dos grupos parceiros de seu processo de evolução e vida (SILVIA, 2015).

De acordo com Winnicott, (1990) a vida psíquica começa quando o EGO inicia seu desenvolvimento e, na criança, esse processo é vinculado à mãe. O infante é dependente de seus cuidados e fruto da falta deles. Uma criança provida de acolhimentos equalizados e necessários terá EGO forte no ato de controle dos seus prazeres, no aguardo da satisfação, já que tudo depende dos incentivos propostos no desenvolvimento desse ser humano (SILVIA, 2015).

Nos trabalhos piagetianos há o conceito de que as crianças aprendem a partir de experiências vivenciadas, pois, se ela é submetida às faltas, grosserias, violências, desatenção e abandono, dificilmente desvencilhar-se-á de tais circunstâncias e atingirá equilíbrio emocional plausível, a ponto de sentir o prazer de sua existência nos padrões socioculturais, religiosos ou éticos (SILVIA, 2015).

2.3 A vida psíquica e a realidade para a criança

A vida psíquica é constituída por forças antagônicas de oposição e contradição, aponta Freud. O psiquismo humano define a nossa vida mental: o EGO com relação à realidade procurar unir-se ao superego para domar os instintos do ID composto por instintos primitivos de prazer absoluto dentro do princípio da realidade. É graças ao ego que o sujeito consegue manter-se no equilíbrio de sua psique na regulação dos instintos do ID, já o superego atua aliado ao EGO para juntos organizar, “domar” o indomável ID com seus princípios primitivos amorais e não aceitos pelos princípios adquiridos pelo sujeito por toda a sua vida no que se refere aos valores morais, culturais e sociais (FREUD, 1980).

Mediante afirmações do criador da Psicanálise, Sigmund Freud, o superego dá-se na criança, a partir dos cinco anos de vida, quando se expande o seu convívio com

outros grupos de forma mais específica e como parte diferente da família, como foram os casos estudados e pesquisados das crianças na escola (SILVIA, 2015).

2.4 A Escola No Confronto ao Superego

A escola não está só, recebe os alunos com suas cargas hereditárias, biológicas, seus sintomas, “prazer\desprazer” e com o seu superego inacabado prometendo acolhê-los e equalizá-los (VALE, 2020).

A escola, ainda detentora de seu saber padrão, geralmente ortodoxo, não tem conseguido acompanhar as diversas mudanças tecnológicas e contemporâneas às crianças hodiernas cheias de desafios e surpresas ambientais, pois nada permanece estático: a escola tende a caminhar com o seu saber medido com o seu modelo como esperar o bolo da desmotivação por falta do reconhecimento e envolvimento do aluno com o seu saber imedido. Lacan e o universo das exclamações, a escola que olha e não quer ver retira o olho no olho e possibilita o olhar na nuca do outro quando em fila indiana, posicionando cadeiras com supostos alunos e seus “supostos saberes”, já fantasiados de sua ausência e inexistência em um ambiente avesso ao seu desejo (FONSECA, 2010).

2767

Urge que a escola se utilize do trabalho com a Psicanálise em prol de mais acolhimento e do descortinamento dos olhos, possibilitando ao aluno a visão de sua própria imagem frente ao outro dentro desse espaço de aprendizagem, a fim de gerar parceria e maior possibilidade de “tratamento pela palavra” que instigue ânimo no aluno e acalme seu sofrimento, sua dor psíquica, pela escuta, além de proporcionar transformações para além do seu bem-estar (LEITE, 2015).

2.5 O ideal de educação a pulsão para a criança

Quando o ideal de educação se afasta, quase que frequentemente, na vivência das crianças por interrupções de fragmentos e manifestos de sofrimentos do real e do imaginário, dúvidas, sexualidade infantil e puberdade, já que nessa área, os educadores não podem fazer muito, pois tais questões desvinculam-se de sua atuação profissional (BONETI; PAULIN, 2010).

Estudos apontam que para a criança, o processo de amadurecimento é muito complexo, pois é uma oposição ao princípio da realidade antagônico na infância e adolescência, por ser muito diferente do adulto e ainda estar em fusão com sua

constituição e não ter alcançado o seu “eu” em plenitude e, contudo, apresentar dificuldades quando ao mundo externo na “equalização” do seu “eu” na massa com as suas diversidades de grupos escolares, recortando o seu espaço e limite do novo amadurecer de uma psiquê saudável quando é conduzido a encontrar suas respostas, refletir sobre si mesmo sem se valer de ações primitivas, violentas, passivos de ausência, ou reagentes químicos na busca de mascarar a dor, o sofrimento ou o vazio de sua existência que pode se instalar na criança com reflexos acentuados aos espaços da escola (BONETI; PAULIN, 2010).

2.6 Relação entre família antropológica e Psicanálise

De acordo com os estudos de Claude Lévi-Strauss, “a estrutura social não é um campo de estudos, mas, um método explanatório com foco na compreensão das relações sociais” na composição de padrões acabados. Segundo o referido autor, dentro desses padrões ou “modelos” distinguem-se o consciente e inconsciente os quais se entrelaçam em aparências e realidades, considerando que os laços de família estão compostos fragilmente por fragmentos de consanguinidade e parentesco, onde o mais essencial e específico na formação plena da criança e do adolescência são a afinidade, o afeto, o cuidado e os valores fundamentais para a boa relação familiar, educativa e os desafios impostos pelo mundo real, este fora do grupo familiar. Nesse confronto, a criança se depara com “as desgraças da vida”, o sofrimento, a dor de sua existência sobretudo, que contrariam sua felicidade, seu prazer e sua satisfação no contexto da escola (STRAUSS,2004).

Em Vygotsky há o conceito da criança dissociar-se em seu primeiro grupo, a família, e neste adquirir seus primeiros registros para as primeiras definições da linguagem nas interações com os outros. A criança pode ser acometida por desequilíbrios na constituição de seus conceitos, psique em um “eu” confuso de incertezas, cheio de incógnitas, que a família se esquivava em refletir e responder quando essa criança apresenta traços que ela mesma desconhece ou escolhe não ver. Assim sendo, insere-se a importância de estudos com base nas teorias freudianas, que relata desavenças na constituição da psique humana, não apenas enquanto criança, mas que as dificuldades de interações, ou transtornos também se instalam na vida adulta como por exemplo, nos casamentos infelizes que causam o adoecimento de filhos,

principalmente no que toca ao desenvolvimento da sexualidade das crianças, assim como nos demais eixos sociais os quais façam parte (SILVIA, 2015).

Com Freud surge a Psicanálise, um instrumento científico desenvolvido após a Primeira Guerra Mundial em 1914 (que se estendeu até 1918) e até após esse período, foi se tornando necessária em decorrência da urgência de tratamento para transtornos, “escombros emocionais” e sequelas geradas na população da época Freud tornou-se médico neurologista e estudioso da filosofia. Desde muito jovem descobriu que a ciência não detinha respostas para diferentes comportamentos do indivíduo por meio de consultas e exames, dessa forma debruçou-se em estudos que deram origem a importantes teorias que hoje servem de base para muitos profissionais da Psicanálise. (Freud – 1893). Seus estudos voltaram-se para a gênese da histeria, da psicose e da neurose instaladas na mente humana. Assim se constituiu a Psicanálise como método voltado para o conceito da interpretação do inconsciente através do “tratamento pela palavra”: “talking cure” (VALE, 2020).

A Psicanálise de Freud lança os seus primeiros passos após o lançamento do seu livro: “A Interpretação dos Sonhos”, 1900, no qual, muitos conceitos foram elaborados por esse grande cientista do século XX, no propósito de interpretar o inconsciente. Após a Primeira Guerra Mundial, a Psicanálise foi se tornando necessária no atendimento às pessoas acometidas das mais diferentes sequelas e neuroses, atuou e tem atuado até hoje dentro da perspectiva do domínio da arte de interpretar o inconsciente a partir da escuta do paciente que relata sobre suas relações com o outro, quer negativas, quer positivas, geralmente familiares, pais, irmãos ou cuidadores (responsáveis pela criação) ou tutores (FREUD, 2010).

Para Freud, o inconsciente abrange a maior parte do cérebro, representada pelo ID, força motriz do desejo e da satisfação, gigante primitivo e indomável, mas que consegue aceitar ser aconselhado pelo EGO e pelo SUPEREGO que também compõem o psiquismo e atuam na área da consciência do ser humano na “vida de vigília”. Contudo, diante de estudos sobre as Teorias freudiana pode-se relatar que a clínica psicanalítica é a grandiosa e complexa função do “tratar” a partir do reviver as relações passadas na possibilidade de uma visão do dinamismo do inconsciente com vistas à reformulação equilibrada e duradoura dos recursos mentais para o sanar ou a “equalização” dos sintomas doentes sofridos pelo paciente na escola, no lar ou em outros espaços sociais (FREUD, 1980).

Tendo como matéria prima as teorias freudianas, muitos estudiosos voltam-se para a oferta das mais novas e mais atualizadas interpretações à psiquê humana, já que se encontram em constantes mudanças, as quais o médico judeu psicanalista não vivenciou na sociedade da época e nem em suas pesquisas. E como testemunhas desse processo histórico, há vários estudiosos e cientistas que levantam a bandeira em Freud, mas citamos aqui Jacques Marie Emilie Lacan, nascido em 13 de abril de 1901, Paris, França e faleceu a 09 de setembro de 1981 aos 80 anos. Lacan foi médico psiquiatra e seu primeiro contato com a Psicanálise deu-se em 1951 com um retorno a Freud, não obstante, munido de aspectos inovadores (novas concepções), surgindo como um dos grandes intérpretes das obras freudianas, dando origem a uma corrente psicanalista mais alinhada à nossa época, o lacanismo (VALE,2020).

Destarte, Lacan desenvolve as suas teorias dentro das instâncias do “eu” desconhecido na ilusão, alienação com berço do narcisismo, momento do “estádio do espelho” a partir do imaginário de oposição entre amor e ódio nas relações duais do sujeito para registrar o simbólico no campo da linguagem do inconsciente. Seu trabalho é fundamentado na consciência imediata do olhar voltado para o Real no equilíbrio ao que denomina de nó borromeano, conceito composto por três equivalências das mesmas forças ligadas entre o Real, o simbólico e o imaginário na constituição da relação com o “outro” (SILVIA, 2015).

2.7 A importância do universo Psicanalítico enquanto fator de possível alívio da Dor.

Para a filosofia, o homem adquire valores que controlam a sua vida em sociedade e estes são constituídos e evidenciados primeiramente no seio de sua família ou grupo que assume essa função de criar a prole. Contudo, apresentam dificuldades para serem justos quando agem arbitrariamente contra si mesmos e contra o outro, em diversas atitudes negativas de ordem afetiva e em inaptações escolares e sociais. Com violências, fere, destrói, polui, mata seus semelhantes, posto que acometidos de grave adoecimento psíquico com sintomas em alerta que a escola não tem necessariamente a função de identificá-lo ou de “tratá-lo” (MOSE, 2018).

Crianças acometidas por desequilíbrio psíquico perdem a identificação de si mesmo, nestes ambientes compostos por família e escola e, nesse percurso, com tamanhos sofrimentos e vazios, perdem o sentido de sua própria existência, negando todas as estruturas inerentes a sua vida, já que portadores de uma dor psíquica que não

a sabem, tampouco identificam onde ela se origina. Diante disso, nem a família, nem a escola produzem o primeiro impulso para a mudança da inércia do sujeito, se não habilitados de conhecimentos adequados e acertados voltados para tais questões (STRAUSS,2004).

A Psicanálise, em sua essência, poderá possibilitar às crianças e adolescentes, grande alívio de seus sofrimentos psíquicos na superação de problemas concernentes à ética, aos valores como o bem e o mal e ao vazio existencial típico da faixa etária aqui citada, na busca da equilibração de desejos: uma mudança na própria forma de agir e pensar a partir da terapia psicanalítica na escola, à luz do esclarecimento por meio de verdades advindas do campo do inconsciente, com reflexões viáveis rumo a soluções profundas ou mitigações do mal-estar(CÂNDIDO, 2019).

De volta à base da Psicanálise, ressaltamos os estudos de Freud, quando este relata que o homem falha no trabalho, no amor, não é rico o suficiente e nem belo e se o fosse, ainda não seria feliz. Contudo, entendemos que as falhas e as buscas constantes são inerentes aos seres humanos que precisam do outro em um movimento dialético e comparativo, um buscar-se ou negar-se, a depender da energia imposta na formação deste afeto (FREUD,2010),

Segundo Jacques Lacan (1997, p. 373 e 374), a Psicanálise aborda a medida da ética, na vazão de um “saber insabido” na escuta do sujeito, tornando-o íntimo de seus desejos para a revelação, não só da pulsão, mas da verdade traumática, na fala do inconsciente (SILVIA, 2015).

Neste universo de buscas e desvios da felicidade e da satisfação, indivíduos perdem-se por perder a compreensão de si mesmos, na sua intimidade consigo mesmo e não se dão conta de que aquilo que buscam não é o seu desejo e sim o de outros, o que buscar constante e insatisfeita, se defronta com a infelicidade, pois tudo o que alcança, descobre que ainda não é o seu pleno desejo e não sabe que seria de outras pessoas que fizeram parte de suas vidas, muitas vezes na primeira infância (SILVIA, 2015).

Em André Green (2002) Apud Silvia (2015) há o relato que no mundo contemporâneo há de se ter apoio em vários modelos de Psicanálise que se constituíram em diferentes estruturas e resultados.

As pessoas tornam-se felizes quando, em seu equilíbrio com o seu objeto de afeto, aprendem que o seu corpo é dissociado do mundo externo, mas que faz parte dele, não podendo viver, no outro, os seus desejos, mas sim, dentro do oceano de si

mesmos e, finalmente, deixam de buscar a felicidade na satisfação do mundo externo, já que cada pessoa desenvolve a sua satisfação mediante o equilíbrio alcançado ou proporcionado pelo outro no contexto dos seus primeiros desenvolvimentos frente ao olhar desse outro. No contexto dessas relações, o ser humano aprende e compreende que nesse mundo externo ao seu céu e ao seu inferno de nascer e de morrer, paz, “violências, sol e chuvas, luz e escuridão, amor e ódio: tudo emerge nas mesmas proporções” a todas as pessoas, o que realmente faz a diferença nesse emaranhado do ser ou do não ser, é no que a pessoa acredita, fruto do que adquiriu na infância, já que não é um ser inanimado no contexto do viver (SILVIA, 2015).

2.8 A criança no Estádio do Espelho

Segundo estudos de Lacan, o Estádio do Espelho é para a criança, momento de elaboração de conhecimento e ações mais elaboradas para perceber que existe o “eu” e o “outro” que este começa a interferir e influenciar os seus desejos e suas escolhas. Esse período inicia-se aos seis meses de vida e finaliza por volta dos dezoito meses quando a criança estabelece a representação de seu corpo com a sua imagem no espelho na imagem do outro com semelhante (SILVIA, 2015).

2772

Segundo Wallon (1975), o espelho é, para a criança, um objeto de grande importância para a compreensão exterior do corpo. A criança passa por desafios até construir a sua própria imagem e reconhecimento de si mesmo.

Aponta Winnicott (1975), que o rosto da mãe é o que determina na criança a sua compreensão do mundo, quando olha para a mãe, ela vê a si mesma, assim, o rosto materno funciona como o espelho. Então compreende-se que antes do amadurecimento, a criança passa por conflitos que devem ser compreendidos para que a criança se desenvolva plenamente nesse processo “simbólico, no processo de libertação das angústias e fantasias” do corpo, na relação de si com o mundo externo, na constituição de sujeito capaz de discernir e lidar com o bem e o mal.

Nesse propósito, podemos pensar na família como instituição principal no âmbito de constituição social, e também como o marco prioritário que pode responder: quem é o “eu” gerado em seu seio. Será que está família tudo pode causar? Poderá a família interferir no conceito de ser humano que se espelha ou se isola nesse meio ambiente de luz ou escuridão? Estudos apontam que todo o composto ambiente da criança vai depender da compreensão da imagem proporcionada no momento

necessário à criança, visto que todas as famílias apresentam sua composição peculiar, sua definição de grupo, parentescos, com seus “totens” e seus “tabus”, segundo Freud (2010), todos os desarranjos na estrutura familiar podem interferir no conceito de ser ou não ser do sujeito.

Para Nietzsche (1886) Apud Silvia (2015), as pessoas devem exercer o autoconhecimento em todos os vieses que as compõem na compreensão de sua própria existência, já que a vida é rara e deve ser vivida, cultivada e mantida, nessa pluralidade que constantemente se transforma.

2.9 Família: parentesco negativo e desordem

Na visão antropológica, os sistemas de parentesco são estruturas formais que resultam da combinação de três formas de relações fundamentais: (1) Relação de descendência: pai e filho, mãe e filho; (2) Relação de consanguinidade: entre irmãos e (3) Relação de afinidades: oriundas através do casamento pela aliança (STRAUSS, 2004).

A antropologia natural relaciona-se com a satisfação sexual na manutenção da prole e quando há o desequilíbrio nesse transcorrer, o indivíduo sublima outras questões negativas ou positivas para canalizar o prazer, desejo inerente à vida. Os desejos negativos do ser humano podem ser a própria destruição de sua existência que dá forma lenta ou drástica. A criança, em suas primeiras fases de desenvolvimento, necessita das bases primitivas para a sua formação moral mais específica. A família e outras características inerentes a ela, as leis, os conceitos da hereditariedade, as relações da aliança com o casamento e tudo são fatores que atuam na formação desse ser humano, o amadurecimento de sua psiquê como todos os registros conscientes e inconscientes, suportes indispensáveis a sua autoafirmação no mundo externo e Real. Quando a humanidade organiza as suas estruturas de pensamentos, com as experiências, a cultura poderá fortalecer alianças para mudanças (STRAUSS, 2004).

2.10 A Hereditariedade e a Criança

A família é a base que desempenha a função primordial na formação constitutiva da cultura do ser humano. É nesse primeiro ambiente que se constitui o equilíbrio afetivo ao objeto de afeto para compreender o mundo real ou desequilíbrios para negar sua existência a esse contexto de mundo, com o qual não se identifica e tudo

perde o sentido de ser. É na família que a criança estende as suas mãos às tradições, costumes e preferências que podem até ser requisitos a outros grupos como forma de disputa ou aliança. Com base nestes achados de Freud (1910) podemos nos apoiar na ideia de que a família é o lugar que devem se desenvolver todas as noções e ações saudáveis ao ser humano, a fim de construir um psiquismo equilibrado, “equalizado” com os afetos de ordem mental enraizados a partir da consciência como parte unificada do indivíduo (SILVIA, 2015).

Acredita-se que é no período da infância e da adolescência, que a criança necessita de uma família que na sua composição a represente, um referencial, um “modelo a seguir ou que possa ser copiado com seus ensinamentos a seguir, para que possa enfrentar o mundo real como parte dele, sendo incluída com independência, no enfrentamento às constantes mudanças e suas inovações repentinas e contemporâneas, não apenas como um agregado biológico, fruto de um “casamento infeliz”, mas como um indivíduo apto a construir sua trajetória com autonomia. Observa-se que a criança, por ser um indivíduo em formação, precisa de uma família existencial com traços primitivos de leis, regras e limites para facilitar a sua formação e amadurecimento saudável para lidar com o mundo externo e suas demandas entre o bem e o mal, nas mesmas proporções, ao processo de viver, pois sem desafios, pode não haver vida (STRAUSS, 2004).

2774

Dos relatos dos pesquisados e registros de pesquisas externas observam-se estímulos sem medida às famílias contemporâneas em números diversificados em suas composições, suas crianças liberais que não identificam leis, regras e tudo pode e deve ser feito, no tempo da criança. Elas costumam terceirizar as suas funções, delegam a outros até o afeto que deveria ser seu e não são exemplos nem para si mesmo, quando negam ser quem são. Como ensinar um caminho que nunca foi o seu? E nem sabe por onde iniciar e nem a sua saída?

Para minimizar parte da desordem escolar e social, a Psicanálise poderá atuar em muitas questões inerentes a estas, quando (Freud-1900) afirma que é um método de associação livre que traz à tona a linguagem do inconsciente e o fator da escuta possibilita modificações no sujeito. Com estas afirmações de Freud podemos refletir a condição atual de nosso século, já nos encontramos mergulhados a tempos de grandes mudanças aceleradas em todos os setores sociais e essas e outras questões parecem trazer sérias ameaças à existência de muitos, mas especificamente às crianças e aos

adolescentes que ainda não constituíram maturação completa para se utilizar da compreensão, da percepção do mundo real e de sua relação com o seu “eu” (STRAUSS, 2004).

Segundo Jean- Claude Milner “na falta de um exterior possível, o sujeito volta-se contra si mesmo e somente o corpo dá mais consistência como ser falante e não ao discurso universal sonhado. A tatuagem, os piercings e outros adereços seriam como referências desse recolhimento”. O papel da família é desenvolver a formação moral da criança com autoridade, ações e pensamentos mais aproximados da verdade que a deixe segura e com amor a engrandeça, segundo Freud, em uma versão mais atual (STRAUSS, 2004).

2.II O Autoerotismo

O autoerotismo é uma versão da Psicanálise, é a fase do amor-próprio, da sexualidade infantil, o estágio do desenvolvimento das emoções, no qual o prazer sexual ocorre por meio de experiências subjetivas. Nessa pulsão sexual, o prazer encontra-se em uma determinada zona erógena, sem relação com o corpo e se inicia no período da amamentação, mas se diferencia do narcisismo pela falta da relação com o objeto (FREUD, 2010).

O narcisismo, o EGO é como o “eu” próprio e a criança sente o seu corpo como um objeto de amor. Nos estudos e pesquisas de Freud, foi definido o autoerotismo como algo essencial, pois permitiu fundar a teoria das psicoses, nas quais o sujeito encontra-se em um estágio autoerótico anterior à formação do objeto e da imagem em unidade de si mesmo. Com base nestes achados surgiram inúmeras e importantes teorias, entre elas, o autismo infantil. Na faixa etária destas crianças do AEE de 10 a 14 anos, temos constatado inúmeros “adoecimentos” e sintomas (FREUD, 1980).

Segundo Freud (1980) Freud o sintoma é algo caracterizado como perturbador ao ser humano e deve ser investigado por um médico no propósito de diagnosticá-lo e de tratá-lo. Em Psicanálise, o sintoma é um desejo do ID que se camufla para a sua realização “insabida”. O EGO e o SUPEREGO lutam entre si para domar o ID, a fim de que sua pulsão de desejos sexuais e agressividades primitivas não transpareçam. O conflito entre essas partes da psiquê gera muitos traumas e ansiedades e, ao menor sinal, o EGO entra em ação, causando o sintoma, bem visível em nossa clientela escolar.

No presente trabalho realizado com as mais diversas crianças e adolescentes, deparou-se com casos de acentuado adoecimento do psiquismo, quadros psicossomáticos, processos crônicos de sintomas e problemas de saúde que não são comprovados por meio de exames médicos, entretanto, são sentidos e causam dores psíquicas capazes de desequilibrar a saúde mental dessas crianças e jovens adolescentes e inclusive, alterar o desenvolvimento de suas vidas.

CONCLUSÕES

As constatações feitas no presente trabalho levaram a uma maior percepção do sofrimento de crianças e jovens adolescentes matriculados na escola objeto dessa pesquisa. Vários fatores são apontados relativos a esse sofrimento e, o mais relevante é a observação de que antes de frequentar a escola, as crianças desta faixa etária já trazem seu “eu” constituído geralmente como muitos adoecimentos, provavelmente adquiridos no seio da família.

Ao longo do processo dessa pesquisa buscou-se olhar com maior acuidade cada um dos participantes, objetivando enxergar o seu sofrimento e o porquê do seu desejo de se rebelar a partir dos comportamentos alheios aos contextos do grupo escolar. Trabalhar no sentido de descortinar os olhos em busca de interpretar a criança e o jovem adolescente nesse emaranhado de desajustes e incertezas. Enxergar o sofrimento deles replicado em experiências negativas com os pais, detentores de sofrimentos e dos mesmos históricos com as repetições de vida da família como “dogma”, um conceito de desprazer, quando agregam sofrimentos psíquicos que impedem a criança em viver bem.

No transcorrer dessas ações observou-se que as vivências com as rodas de conversas, reflexões individuais e a escuta a todos nos grupos foi meio de subsídio de mudanças significativas nos comportamentos de alguns participantes. As crianças e os adolescentes partícipes dessa experiência apresentaram melhoria em suas aprendizagens, revelando maior interesse em participar das atividades escolares propostas por seus mediadores, reagindo com comportamentos desejáveis e vinculados à sua idade e série escolar. Foi também observado indícios de melhoria na saúde mental, maior tolerância e melhoria nas capacidades de entender a si mesmo e acolher o outro com as suas dificuldades. Percebeu-se, ainda, que o trabalho realizado na escola

objeto desse estudo auxiliou o participante a ter uma maior compreensão sobre si mesmo diante de suas capacidades, habilidades e/ou limitações.

Finalmente, considera-se que, promover maiores reflexões e pensares sobre possíveis mudanças a partir dos estudos realizados no Curso de Formação em Psicanálise Clínica (com o relevante referencial teórico em Sigmund Freud e pós-freudianos) são ações que auxiliam a prevenir danos em crianças e adolescentes, de ordem comunicativa ou ainda interferir nas tentativas de retirada de suas próprias vidas de acordo com as angústias relatadas por cada um neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante situações de pressões psicológicas em todos os contextos da civilização atual, nas quais crianças, adolescente e adultos vivem, urge a necessidade de um repensar sobre as seguintes bases: afeto, amor, os valores humanos, a essência, a vida, pois é notório que uma das maiores faltas da humanidade tem sido o amor escasso a si mesmo e ao outro e, assim, poder se encontrar no inexplicável “eu” a tentar preencher o vazio do inconsciente, cessar a buscar inacabável e o desequilíbrio das relações com o outro significativo das neuroses e patologias da humanidade.

2777

Entende-se que indivíduos naturalmente temem mudanças, mas, talvez estejam mesmo necessitados de drásticas e diversas mudanças em muito do que já foi estabelecido, construído e destruído nos muitos vieses que movem a humanidade a fim de que se possa requerer vida plena no contexto do “eu”, da natureza, do ambiente da alma e do universo, pois a impressão que se tem é de que há um “eu” inexistente, invisível a tudo do que são compostos. Não foi ainda aprendido como interpretar o outro com a sua dor e a cada dia.

Percebe-se uma maior insensibilidade e falta de afeto entre as pessoas e, diante de tamanho desequilíbrio e instabilidade psíquica entre o “eu” e o seu objeto de desejo, robôs são construídos e podem substituir humanos e confiscar a capacidade do encontro das pessoas consigo mesmas no sentido de amar-se e poder “ver” o outro. O homem tornou-se capaz de achar-se invencível, completo em suas invenções, entendeu-se como perfeito, capaz de voar alto, de povoar a Lua, mas, constatou que seus desastres pessoais e ambientais vêm atingindo a humanidade de diversas e profundas formas: fatais e irreversíveis.

Nesse contexto, as crianças parecem estar perdidas, muitas vezes com um olhar voltado ao vazio de suas existências devido as ausências, ou por não saber se encontrar diante das novas mudanças na sociedade contemporânea, com suas novas formas e tecnologias de ponta; uma grande safra de violências; doenças físicas e psicossomáticas e, por também não saberem sequer definir tudo isso, se acham perdidas e minúsculas nesse macro mundo de forma a se sentirem insignificantes.

Com base em recortes dos estudos e pesquisas de Freud, Lacan, Lévi-Strauss, Nietzsche, dentre outros, questões como o princípio da realidade, autoerotismo, relações objetais e desenvolvimento de crianças e adolescentes no processo de amadurecimento e a relação com o mundo externo, dentro de um engajamento de equilíbrio psíquico em contextos da família, estendidos à escola foram aqui ressaltadas.

As famílias têm suas origens desde a época primitiva, mas vêm mudando as suas constituições ao longo dos tempos com novas combinações escolhidas por seus parceiros que podem resultar das mais variadas formas e desejos, de casais do mesmo sexo, de família ampliada de grupo, de parente e não parente, com muitas mudanças além da família antropológica na conceituação do “eu”.

Quando esses pares decidem pela constituição de uma família na criação da criança, faz-se necessário vivenciar experiências de ordem, regras e leis que determinam à criança o que é devido à sua formação e adaptação dentro dessa família transformada para totalizar o seu processo de amadurecimento do “eu” frente ao “outro” no mundo externo, dessa forma, minimizam-se traumas e sintomas na linguagem do inconsciente, tanto na família como no ambiente escolar. Mais especificamente no contexto da infância, observa-se que a falta da relação equilibrada do princípio da realidade causa muitos danos à saúde psíquica da criança de forma que essa desorganização pode ser causada por interferência do outro. A família, lugar do acolher, cuidar do bem ou do mal, do trauma ou do equilíbrio, configura o berço fundamental para a criança e para as sociedades.

Finalmente, trabalhar no sentido de descortinar os olhos em busca de interpretar a criança e o jovem adolescente nesse emaranhado de desajustes e incertezas é buscar enxergar o sofrimento destes infantes que são replicados de experiências negativas com os pais, detentores de sofrimentos e dos mesmos históricos com as repetições de vida da família como “dogma”, um conceito de desprazer, quando agregam sofrimentos psíquicos que impedem a criança em viver bem.

REFERÊNCIAS

- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. 20. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.
- BONETI, L. W.; PAULIN, J. R. **Novas Luzes sobre a Inclusão Escolar**. Copyright by Rita Vieira de Figueiredo, 2010.
- CÂNDIDO, M. C. **Fundamentos Psicobiológicos da Educação**. Apostila, 2019. http://portal.virtual.ufpb.br/biologia/novo_site/Biblioteca/Livro_3/7-Fundamentos_psicologicos_da_educacao.pdf acesso em julho de 2022.
- FONSECA, V. **Psicomotricidade: uma visão pessoal**, 2010. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a04.pdf> acesso em julho de 2022.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936)**. Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. **Toten e Tabu**. In: **Freud, S. Obras Completas**, RJ, Imago (Obra -1910), 1980.
- LEITE, R. F. **Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis**. **Estud. Psicanal**, n. 43, 2015.
- MOSÉ, V. **Nietzsche hoje: sobre o desafio da vida contemporânea**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2018.
- SÍLVIA, O. **Tudo o que Você Precisa Saber sobre a Psicanálise**. Editora Planeta, 2015.
- STRAUSS, C, L. **Lévi – Strauss e a Família Indesejada**. Klaas Woortmann. Brasília, 2004.
- VALE, S. **Teoria da Psicanálise II**. Curso de Formação em Psicanálise. IMEP, São Paulo, SP, 2020.